



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

OS CANDOMBLÉS NA AVENIDA: AS “BAIANAS” NA FESTA DA PADROEIRA EM FEIRA DE SANTANA-BA

Josivaldo Pires de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

belpires1@ig.com.br

Ao analisar a festa no Brasil colonial, Mary Del Priore afirma que no momento em que a celebração ganhava a rua com suas danças nos desfiles de cortejos e ou das procissões, os eventos dentro da festa começavam a ganhar independência. A nobre historiadora informa ainda que as figuras um tanto inusitadas dos desfiles e dos carros alegóricos com seus ritmos e harmonias profanas invadiam a tela bem-comportada da comemoração original. Mesmo articuladas com o todo oficial, Del Priore, afirma que cada uma daquelas manifestações tinha vida própria e significado peculiar (2000, p. 43).

Mesmo distanciando algumas dezenas de anos da experiência da festa objeto do presente ensaio, a descrição acima que caracteriza o comportamento da festa no Brasil colonial, se aproxima do universo de significado experimentado pela festa em louvor à Senhora Santana, padroeira da cidade de Feira de Santana, pelo menos ao longo do século XX. Aqui, tenho como objetivo ensaiar alguns aspectos, desta festa, especificamente no tocante ao que Mary Del Priore chama, no ensaio referido, de “festa dentro da festa”.¹ A participação de adeptos dos candomblés na festa da padroeira de Feira de Santana, maior cidade do interior baiano, é o objeto com o qual me ocuparei no presente ensaio.

Feira de Santana é uma cidade famosa, dentre outros elementos, pela sua localização. Situada na região leste do Estado, a pouco mais de cem quilômetros da capital, Feira de Santana tem sua história relacionada ao desenvolvimento de uma importante feira livre, a qual

¹¹ Esta expressão dá título a um dos capítulos do livro *Festas e utopias Brasil colonial*, citado anteriormente. Neste capítulo, a autora discute como determinados segmentos das camadas populares participavam de grandes festas oficiais, manifestando-se com certa autonomia e peculiaridade dentro da própria programação dessas festas.



se tornou entroncamento comercial para mercadores de gado provenientes do Alto Sertão baiano e região do Piauí e Goiás. Esses mercadores dirigiam seu gado até o porto da Cachoeira, no Recôncavo baiano para escoar seus produtos para o mercado da capital.² Sua origem remonta ao século XVIII, conseqüência do desmembramento da propriedade de Antônio Guedes de Brito, estabelecendo assim, numerosas fazendas de criação de gado, atividade que já havia se mostrado adequada para a região desde meados do séc. XVII.

Dentre as muitas fazendas que aí tiveram origem, estava a de Santana dos Olhos d'Água, de propriedade do casal português Domingos Barbosa e Ana Brandão (SILVA, 2000, p. 16-17). A fazenda de Santana dos Olhos d'Água, assim como muitas outras da região, constituiu-se em um povoado no qual se estabeleceu uma capela em louvor a São Domingos e Senhora Santana. Em torno desta pequena comunidade a população adjacente passou a se reunir periodicamente, dando origem a uma pacata feira livre, ainda em meados do século XVIII (POPPINO, 1968, p. 18-240). Em 1833 o arraial de Feira de Santana foi elevado por decreto imperial à categoria de vila, nascia então o município de Feira de Santana tendo o arraial como sede.

A pacata feira livre do século XVIII se tornou ao longo do século XIX um importante centro de comércio que mediava as relações do Alto Sertão com as regiões do Recôncavo, por conta de uma localização geográfica estratégica. Feira de Santana era no século XIX e não deixou de ser no século XX, como definiu muito bem Thales de Azavedo nos anos 1950, um ponto-chave, um verdadeiro entrocamento entre as estradas no sistema de rodagem que ligava o Sul ao Nordeste e Norte do País. Era Feira de Santana, “local de reabastecimento de veículos e passageiros, de retirantes, de paus-de-arara, de caixeiros-viajantes, de comerciantes, de técnicos e funcionários públicos que exercem ao longo daquele longo eixo seu papel criador de pioneiros e bandeirantes” (AZEVEDO apud POPPINO, 1968, p. 3).

Essa condição de entroncamento comercial possibilitou que Feira de Santana recebesse populações de diferentes origens étnicas e geográficas. Segundo Rollie Poppino, na primeira metade do século XX, Feira contava com a maioria de seus habitantes de origem africana, indicando assim as cifras da população negra em Feira de Santana no período objeto

²Para maiores dados sobre a localização e outros aspectos geográficos ver FREITAS (1998) e ALMEIDA (2006).



do presente ensaio, a saber: meados do século XX (POPPINO, 1968, p. 18). A observação de Poppino sugere que entre o Recôncavo e o Sertão baiano estabeleceu-se um circuito de mão dupla na constituição das comunidades que constituem Feira de Santana e, portanto, das experiências culturais reelaboradas entre negros e mestiços, protagonistas das culturas afro-brasileiras na região. Dentre as práticas culturais de matrizes africanas que possam ser elencadas, destaque-se as religiões afro-brasileiras e os conflitos que caracterizaram a experiência, por exemplo, das práticas de candomblé em sociedades católicas como Feira de Santana, em meados do século XX. Aqui, será enfatizada a participação de adeptos dos candomblés locais nos festejos em louvor à senhora Santana, padroeira da cidade.

A festa em louvor à senhora Santana, padroeira do município, era denominada apenas de Festa de Santana, foi por muito tempo a mais importante das festividades anuais que se realizava em Feira de Santana, interior da Bahia e sua micro-região. Sua origem remete ao período colonial, entretanto, a referência histórica mais longínqua é datada de 1888. Segundo Rollie Poppino, “desde os primeiros anos do século vinte, as festividades costumavam efetuar-se em janeiro. Em 1914, e, de novo, em 1919, as cerimônias prolongaram-se até o fim de fevereiro, porém, durante as duas décadas que precederam o ano de 1950, o dia em que terminavam os festejos era o último domingo de janeiro” (POPPINO, 1968, p. 278).

“Lá na Rua de baixo choveu lenha”. Este foi um refrão lembrado pelo senhor João dos Santos Filho, conhecido como “João Alfaiate”, de “música cantada na ‘Levagem da lenha’, por volta de 1940 quando os festejos populares ligados a Festa de Santana eram animados por fanfarras, grupos de senhoras da sociedade que saíam mascaradas e pelo “mando anunciador (PANORAMA DA BAHIA, 1988, p. 11). Ao fazer estas declarações à Revista Panorama da Bahia, em janeiro de 1988, João Alfaiate lembra com saudosismo de sua participação da Festa de Santana no tempo de garoto. Esta entrevista faz parte de uma matéria que abordava a crise da Festa de Santana, por conta de mudanças implementadas pela Igreja Católica, Seu João se lembrava das manifestações culturais para argumenta a manutenção da festa. Assim como o “bando anunciador” e as fanfarras lembradas pelo saudoso participante, se a entrevista se alongasse possivelmente João Alfaiate lembraria o Cortejo das Baianas que caracterizavam com certa peculiaridade a Festa de Santana



Essa foto não datada e identificada apenas como “Igreja Matriz”, registra o cortejo da lavagem da Igreja tendo à frente o grupo das “baianas”, os quais a partir dos anos 1950 contavam com pessoas ligadas aos candomblés da cidade. **Fonte:** Acervo da Biblioteca Setorial Monsenhor Galvão – UEFS.

Observem-se os adereços que carregam as senhoras expostas no centro da fotografia e ao fundo os jarros de água com flores assim como um animal à esquerda com Barris provavelmente carregando água. Estas pistas não deixam dúvidas de que se trata da lavagem da Igreja Matriz. A noção de leitura orienta a significação da fotografia como fonte histórica. Da mesma maneira que se pode ler um conto popular, uma descrição etnográfica, se pode ler também uma fotografia, obviamente guardando as devidas proporções na perspectiva do trato metodológico sobre as pistas que o documento fotográfico revela e suas diferentes significações.³ Nessa perspectiva, as informações contidas na fotografia não falam por si só, implicando assim na necessidade de cruzamento, a saber: a fotografia apenas não basta como fonte (LIMA, 2009, p. 45). Assim, me aproprio da literatura memorialista de Eurico Alves Boaventura, em uma interessante crônica em que o escritor feirense descreveu aspectos da lavagem da Igreja Matriz durante a festa de Santana em período aproximado ao registrado na fotografia:

³ Não pretendo aqui aprofundar a discussão metodológica, para evitar abusos desnecessários. Entretanto, seguem algumas referências que consultei para amparar o uso, mesmo que breve, que faço dessas fontes: LIMA (2009), KOSSOY (2009), MAUAD (1996).



Com os primeiros sons da bandinha, na quinta-feira da lavagem, às dez horas, tilintavam os sincerros dos burricos dos vendedores de água. Eram em número bem grande. Geralmente, vinham estes rapazes de calças brancas e camisas de cor, de chapéu de palha com laçarotes de papel de seda e descalços. Os burricos ou jumentinhos apresentavam engalanados dos mais vistosos laços de pano de cor, ramos de mato. E lá se iam as primeiras cargas d'água do dia e da fonte, onde trabalhavam os aguadeiros, para a lavagem do templo (BOAVENTURA, 2006, p. 21).

A descrição do memorialista é fiel às informações constantes da fotografia, especialmente à indumentária dos homens que aparecem na foto, assim como do jumento carregador de água que não escapou a lente do fotógrafo. Citou ainda os jarros com flores que também aparecem na fotografia em questão. Em outra passagem desta mesma crônica Eurico Alves Boaventura fez referência às “velhas raparigas” que “se apresentavam de saia bem rodada e bata aberta em rendas, como costumavam vestir-se” (p. 22). É possível que estas senhoras fossem dos terreiros de candomblés locais, por mais que Eurico Boaventura não acreditasse que os elementos simbólicos dos festejos tinham qualquer relação com as culturas de matrizes africanas, inclusive as práticas religiosas. Segundo ele, a festa tinha “função inteiramente de caráter popular, sem nenhum vislumbre de fetichismo. Nada de coisa nagô” (p. 19). Afirmava ainda que “os zabumbas quase desafinados enchiam de alegria o coração da cidade. E nada de cultos a deuses pagãos. (...). Cultuava-se a Santana ao velho jeito português” (p. 22).

Leitura precipitada a de Eurico Boaventura. Esse tipo de manifestação comportava tanto os elementos de origem portuguesa quanto dos povos africanos no Brasil, ou seja, era óbvia a influência de “coisa nagô”. Observe-se a lúcida afirmação de José Ramos Tinhorão:

O intercâmbio cultural europeu-africano começou muito mais cedo do que se imagina, e grande parte do que normalmente se estuda no Brasil nas áreas da religião, música, danças e folguedos populares como sendo uma tradição africano-brasileira constitui, na verdade, o prolongamento de uma herança negro-portuguesa (TINHORÃO, 2008, p. 11).



As observações de José Ramos Tinhorão contrariam a afirmação de Eurico Boaventura. A festa de Santana, um evento católico, era palco também das manifestações culturais negro-africanos o que não foge à definição de “herança negro-portuguesa”, como afirma Tinhorão. A participação de adeptos dos candomblés, através do cortejo das “baianas”, como será discutido adiante, constitui uma festa dentro da festa, com definido anteriormente.

Em sua monografia sobre a presença negra na Festa de Santana, Adriana Silva Teles, encontrou dificuldade de identificar os adeptos dos candomblés no festejo anterior aos anos 1940, segundo ela, esta realidade se torna mais marcante a partir da década de 1950, quando cessam as proibições às práticas do culto afro-brasileiro em Feira de Santana. A autora acredita que esta participação se torna mais evidente quando “as baianas, principais personagens da Lavagem se deixam reconhecer enquanto adeptas do candomblé” (TELES, 2000, p. 77).

Assim como a Lavagem da Igreja, existia também o ritual da Levagem da lenha. Quanto a este ritual pode-se considerar o que informa a crônica memorialista de Antônio do Lajedinho, como um importante testemunho que ajuda a entender o significado deste elemento simbólico da festa em louvor à Senhora Santana:

Quando ainda não havia iluminação pública, faziam-se enormes amontoados de lenha na frente da Matriz (hoje Catedral), lavava-se a igreja e a noite acendiam-se as fogueiras. Depois vieram os lampiões, a luz com geradores movidos com óleo diesel, posteriormente a energia de bananeiras e por fim Paulo Afonso. Isso explica a tradição da lavagem da igreja na Quinta-feira, para a missa no domingo, e a “levagem da lenha” para a fogueira na Terça-feira, véspera da procissão (LAJEDINHO, 2004, p. 21-22).

Sobre a origem das “baianas” nos festejos de Nossa Senhora Santana, não tenho informações. Entretanto, era entre elas que se podiam encontrar as adeptas dos candomblés, como afirmou Adriana Silva Teles. Mesmo com essa estratégia de participar entre as “baianas”, as adeptas dos candomblés parecem ter encontrado dificuldades, mesmo a partir dos anos 1950, quando essa participação está mais explícita, no entanto, não menos

conflituosa. A partir desse período, por exemplo, uma ialorixá que se destaca é a Mãe Socorro.



Mãe Socorro em um momento singular da Festa da Padroeira, pondo fogo na lenha da fogueira simbólica. A foto é de 1973. **Fonte:** Acervo particular de Antônio Magalhães.

A experiência dessa ialorixá é bastante sintomática sobre a participação do povo de candomblé na Festa de Santana. Não encontrei referências mais precisas durante os anos 1950 e 1960, se restringindo os jornais a informar vez ou outra a existência do cortejo das “baianas”. Entretanto, uma matéria publicada pela Revista Panorama da Bahia em 1984, sugere a participação dos adeptos dos candomblés ainda na década de 1950. Trata-se na verdade de uma polêmica envolvendo a Mãe Socorro e o babalorixá Zeca de Iemanjá na disputa da liderança do grupo de “baianas” participantes da festa daquele ano.

Quem chegou logo cedo na Festa de Santana, na quinta-feira da lavagem, à tarde, deve ter ficado sem entender o porquê apenas um grupo de 30 baianas se deslocava sozinho, comandado pela mãe-de-santo Socorro, enquanto outras ficaram no sítio da festa, seguindo depois por itinerário diferente. Mas os olhos mais aguçados puderam perceber que tudo fazia parte de um plano



de briga entre o pai-de-santo Zeca de Iemanjá e a mãe-de-santo Socorro (PANORAMA DA BAHIA, 1984, p. 17).

Ainda nesta notícia era informado que Zeca de Iemanjá participava da Festa há apenas seis anos. Entretanto, a defesa de mãe Socorro para liderar o cortejo das “baianas” buscou legitimidade na sua experiência que remete aos anos 1950: “Eu comando há 30 anos e não saio daqui”. O fato é que no momento de saída das “baianas”, Socorro colocou seus filhos-de-santo todos na frente do cortejo e “não adiantou o pedido de um funcionário da Secretaria, pois ela alegava sua condição de baiana mais tradicional da festa” (Idem).

Em 1983 mãe Socorro também havia polemizado em torno da participação das “baianas” no cortejo religioso da Padroeira, pois em resposta à comissão organizadora da Festa e suas sucessivas queixas, a ialorixá do Terreiro de Oxóssi afirma: “– Eu não sei porque existe tanta implicação com as baianas. A gente desfila em ordem, em silêncio e vamos lá com muita fé, com muita devoção”(Feira Hoje, 15/01/1983, p. 3). O fato é que a comissão organizadora sugeria que as baianas participassem de forma mais discreta. A discrição seria que as baianas dosassem mais a exibição de símbolos sagrados e de sua indumentária afro-religiosa, para isto a ialorixá mãe Socorro tinha a resposta na ponta da língua: “vou sair com o Sr. do Bonfim no mesmo lugar de sempre” (Idem).

Ao afirmar ser a baiana mais tradicional por está 30 anos à frente do cortejo, mãe Socorro remete sua experiência ao início dos anos 1950. Obviamente, existiam outras mães-de-santo que participavam do cortejo e que também o lideravam neste período. O memorialista Antônio do Lajedinho lembra, por exemplo, de uma baiana chamada Dolores do Acarajé que pomposamente, portava bandeira à frente da multidão no cortejo das “baianas” na festa de 1951 (LAJEDINHO, 2004, p. 24).

No que tange as fotografias com fonte, muito há ainda para ser identificado. Grande parte de fontes como estas se encontram em arquivos particulares que aos poucos poderão ser revelados permitindo a consulta dos pesquisadores e ampliando-se a possibilidade de conhecimento sobre aspectos da história de Feira de Santana, que tem despertado o interesse de estudiosos das diferentes disciplinas das ciências humanas.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto diversificado (mas ainda muito tímido) de fontes aqui consultado, permitiu uma leitura um tanto quanto panorâmica do universo dos candomblés em Feira de Santana, no período em questão, especialmente no tocante aos conflitos que caracterizavam a relação dos segmentos afro-religiosos com o conjunto maior da sociedade, como o exemplo aqui trabalhado, a saber: a participação dos adeptos dos candomblés na pomposa Festa católica em louvor à padroeira da cidade. O ensaio que aqui se finda revela aspectos das diferentes formas de manifestação da vida social dos personagens que protagonizaram as histórias experimentadas pelas populações negras no interior da Bahia. A carência de fontes mais precisas ainda constitui o principal obstáculo para melhor entender os bastidores da história social destas populações que viviam distantes do centro metropolitano que circunscreviam a capital baiana, dificultando assim as pistas, marcas e indícios para a observação do cientista social. Este é o desafio que provoca as novas gerações de pesquisadores sobre a história das populações negras do interior da Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Oscar Damião de. *Dicionário de Feira de Santana*. Feira de Santana: Editora Talentos/Gráfica Santa Rita, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BOAVENTURA, Eurico Alves. Lavagem da Igreja. In: _____ *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Feira Hoje, Feira de Santana, 15/01/1983.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização (1970-1996)*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 1998

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 3ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LAJEDINHO, Antônio. As festas de Santana. In: _____ *A Feira na década de 30 (memórias)*. Feira de Santana: Gráfica Santa Helena, 2004.

LIMA, Solange Ferraz e CARVALHO, Vânia Carneiro. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tânia Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes*, São Paulo: Contexto, 2009.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interface. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73-98.

PANORAMA DA BAHIA, Feira de Santana, 30 de janeiro de 1988, nº 95.

PANORAMA DA BAHIA, Feira de Santana, Fevereiro de 1984.

POPPINO, Rollie. *Feira de Santana*. Salvador: Itapoã, 1968.

SILVA, Aldo José Moraes. *Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1933-1937)*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 2000.

TELES, Adriana Silva. *Presença Negra da Festa de Santana (1930-1950)*. Monografia de Especialização. Feira de Santana: UEFS, 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil: cantos, danças, folguedos: origens.*

São Paulo: Editora 34, 2008.